

## **A HETERONORMATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA**

Orientadora: Michele Santos

Autor: Amanda Pereira de Albuquerque

*Universidade Federal de Pernambuco, amanda.palbuquerque@hotmail.com*

### **Resumo:**

O artigo buscou refletir sobre a heteronormatividade presente na educação, analisando os processos discriminatórios e homofóbicos que operam as práticas exclusivas dentro do ambiente escolar e suas afetações em crianças e adolescentes lésbicas, gays e bissexuais (LGB), diante dos crescentes relatos de *bullying* e evasão escolar dessa população. A partir de uma revisão da literatura sobre a sexualidade e educação, palavras chaves como “*Bullying*” e “Heteronormatividade na escola” foram pesquisadas nas maiores bibliotecas eletrônicas. Os dados apontaram pesquisas que identificaram a violência verbal, as piadas, como a expressão de violência mais comum, e muitos carregavam essas experiências escolares negativas até a vida adulta. Alguns efeitos identificados nas vítimas foram a depressão, desajustamento geral e hipervigilância. No entanto, não houve menções sobre rede de apoio familiar ou escolar. As análises desses artigos apontaram que a escola está perdendo sua função social de formar cidadãos conscientes, críticos da sociedade, pois não há espaço para a discussão e sensibilização dentro da escola, assim, legítima essas práticas violentas e opressoras contra a população LGB.

**Palavras-chave:** Heteronormatividade, Educação Inclusiva, Bullying, Escola.

### **INTRODUÇÃO**

Esse artigo aborda a heteronormatividade na educação, analisando suas afetações em crianças e adolescentes lésbicas, gays e bissexuais (LGB), e os processos discriminatórios e homofóbicos que operam as práticas exclusivas na escola. Buscando demonstrar através de pesquisas já realizadas no ambiente escolar que as situações de *bullying* são muito mais comuns do aparentam. Mais ainda, por qual motivo as práticas exclusivas e discriminatórias acontecem e fazem parte da realidade dos jovens LGB e como impedem a construção de uma escola inclusiva.

A escola é um lugar onde crianças e adolescentes enfrentam diariamente situações de violência física, moral e psicológica devido sua orientação sexual, entendida socialmente como desviante da norma heterossexual.

Alunos/as, professores/as, servidores/as, coordenadores/as são praticantes de diversas formas de injúrias e agressões, muitas vezes não reconhecidas como tal, e então silenciadas e tratadas como algo “normal” do cotidiano dos estudantes LGB.

O *bullying* homofóbico se expressa numa brincadeira ou piada na sala de aula, uma separação em grupos pelo professor/as ou alunos/as, por uma classificação de alunos/as, na história de um livro didático, no futebol para os meninos e no balé para as meninas. Como também, com comunicados aos pais, pois seus filhos não se vestem “adequadamente”, e/ou brincam com as meninas e se relacionam amorosamente com meninos. Essas são algumas

situações de exclusão e de discriminação que crianças e adolescentes LGB lidam diariamente. Quando não desistem da escola por medo dos agressores ou por que não conseguem aprender nesse ambiente hostil.

Se olharmos para a base da nossa sociedade é possível compreender o motivo desse ambiente escolar descrito ser uma realidade muito comum. As pessoas, dispositivos e comportamentos obtêm sentidos socialmente produzidos através de atribuições de posições em sistemas de classificações diversos. “A classificação é o processo pelo qual indivíduos tornam se sujeitos e atores sociais, apropriando-se de – ou sendo levados a se reconhecer em – determinadas identidades; o que, por sua vez, lhes abre determinados cursos de ação” (SIMÕES, FRANÇA e MACEDO, 2010, p. 41). Desse modo, as categorias de gênero e sexualidade interseccionam matrizes de cor/raça, classe social e outros se tornando poderosas formas de expressões de identidades, atribuídas por ordenamentos, diferenciações, hierarquias e desigualdades.

As relações de desigualdade, exclusão e dominação são as bases que sustentam nossa sociedade. Desse modo, as singularidades e as especificidades que constituem os sujeitos são transformadas em desigualdade, inferioridade e diferença nas relações sociais de dominação. E assim, criamos, mantemos e reproduzimos normas do que é bom ou não, do que certo e errado para ordenar o lugar de cada um nessas relações poder e dominação, e quem foge dessas normas são os diferentes e anormais (MACHADO, ALMEIDA & SARAIVA, 2009). Essas normas também classificam as formas de expressão e de sexualidade.

A noção de heteronormatividade nos ajuda a entender o motivo por qual a escola é uma instituição que propaga esse tipo de violência e como essa prática impede a inclusão dessas crianças e adolescentes. Guacira Louro (2004) afirma que existem identidades privilegiadas, pois passam normalidade, enquanto outras são desviantes, anormais, e essas carregam o estigma de serem o que são ou o que gostam de ser. Nessa lógica, apesar das identidades serem construídas socialmente, elas também são socialmente atribuídas e se constroem como normas, assim adquirem um carácter paradoxalmente de invisibilidade, não é preciso mencionar, é assumida assim. Portanto, quem foge da norma é automaticamente o “outro”. Conforme Louro (2008) o homem branco, heterossexual, de classe média urbana é o padrão da sociedade brasileira, assim, é a identidade “normal” e “não problemática”.

No lado ocidental do globo é possível observar que as sexualidades têm sido produzidas e operadas em um sistema marcado por uma heterossexualidade compulsória ou heteronormativa (BUTLER, 2001).

A sexualidade é, então, alvo de alta vigilância e de controle das sociedades, que busca regular e manter invisível essas "outras" identidades. Através de diversas estratégias e instituições de controle que ditam as normas e que diferenciam as identidades. As diferenças são ensinadas e a escola é uma das instituições que opera e propaga o "normal" e "anormal" (LOPES, 2008). Desse modo, o ambiente escolar reproduz também na diferenciação dos sujeitos, a violência de diversas expressões contra as crianças e adolescentes LGB.

Portanto, a heteronormatividade impede a construção de uma escola inclusiva, com práticas efetivamente inclusivas e positivas para as singularidades. A escola inclusiva é uma escola para todos, é uma escola onde as singularidades, especificidades, os modos de ser de cada um são aceitos, respeitados, acolhidos, sem discriminação, sem violência. Nesse tipo de escola a diversidade não é uma desigualdade, mas é um potencializador para desenvolver pessoas e cidadãos, habilidades intelectuais e sociais. Mais do que isso, é uma ambiente seguro, onde não há espaço para violência, ou *bullying*. Mantoan (s.d.) acrescenta:

Dentre as inúmeras reformas que estamos realizando nas escolas e redes de ensino em que estamos implementando uma escola para TODOS, a elaboração e a execução de currículos, em todos os níveis de ensino, implicam em interação e não mais em distribuição e transmissão do saber por via unilateral e hierarquicamente direcionada, do professor para o aluno. Ambos podem e devem ser co-autores dos planos escolares, compartilhando todos os seus atos, do planejamento à avaliação, e respeitando-se mutuamente (p.7).

Sobre as práticas inclusivas que podem promover segurança e bem-estar aos jovens LGB, Russell (2011) listou cinco estratégias para promover esse ambiente baseado em estudos nos Estados Unidos, que inclui: criar políticas contra o *bullying* e discriminação de orientação, identidade e expressão sexual, e gênero. Disponibilizar informações, pesquisas, suporte para questões LGB. Treinamento para professores/as lidarem com situações de agressão física e verbal. Inclusão de temas e pessoas LGB na escola, como também grupos e clubes de apoio dentro da escola.

Assim sendo, o objetivo do artigo foi analisar a partir de uma breve revisão bibliográfica sobre o *bullying* homofóbico na população LGB, como a heteronormatividade e suas expressões de opressão podem servir de obstáculo ou entrave para a escola inclusiva, ou para práticas inclusivas no ambiente escolar. O estudo surge a partir dos elevados relatos de *bullying* contra essa população e a evasão escolar na mídia. Assim, busca contribuir para além

do contexto científico, alimentando as discussões de gênero na escola, como também, a criação de política de combate ao *bullying*.

## METODOLOGIA

Esse artigo foi fruto de uma atividade da disciplina de Psicologia e Educação Inclusiva do curso de Psicologia da UFPE, em 2016. O objetivo foi realizar uma revisão bibliográfica da literatura da sexualidade e educação analisando como a heteronormatividade é um obstáculo para a construção da escola inclusiva para crianças e adolescentes LGB, a partir de estudos sobre o *bullying* homofóbico.

Palavras-chaves como “*Bullying*” e “Heteronormatividade na escola” foram pesquisadas nas bibliotecas eletrônicas do “SciELO” e “Google Acadêmico” em busca de pesquisas que retratem as situações de *bullying* homofóbico na escola. O foco foi na população de crianças e adolescentes LGB devido aos crescentes relatos de bullying e evasão escolar.

Quatro artigos foram selecionados para a análise. Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo temática (BLANCHET, GOTMAN, 1992), onde buscou identificar os sistemas de representações e categorias dos discursos encontrados nos artigos, e partir disso propor inferências e interpretações sobre a presença da heteronormatividade dentro da educação.

## RESULTADOS

Em Aracajú, Sergipe, 808 jovens de 9 escolas estaduais responderam um questionário com questões sociodemográficas sobre *bullying* e uma escala de homofobia manifesta e sutil. Os resultados apontaram que 34% das pessoas eram testemunhas de situações de *bullying*, enquanto, 32% se definiram alvos de *bullying*, 12% autores, 22% alvos/autores. A segunda forma mais recorrente de discriminação foram os conteúdos homofóbicos no *bullying* verbal (20% dos casos), em meninos (SOUZA, SILVA & FARO, 2015).

Perucchi e Corrêa (2013) entrevistaram 19 jovens LGBT entre 18 e 30 anos de Juiz de Fora, Rio de Janeiro, quando perguntados sobre a violência homofóbica e no ambiente escolar, todos relataram a violência verbal, em forma de piadas, como a mais frequente.

Vários relatos trouxeram a aceitação de ser alvo de injúrias e fofocas. Os participantes entendiam que era melhor “deixar quieto” para evitar confronto e/ou assumir que eram gays. Albuquerque e Williams (2015) aplicaram uma escala em 691 jovens de uma Universidade pública de São Paulo, desses 638 discutiram duas piores experiências escolares, e 21 foram escolhidos para compor o artigo. Os autores identificaram relatos de violência verbal, apelidos, piadinhas, xingamentos, e o isolamento social como consequência dessas práticas.

14 deles descreveram que suas piores experiências escolares durarem anos, as mais longas de 2 meses a 8 anos e um comentou que até a vida adulta atual essa experiência homofóbica se perpetua. Alguns efeitos nas vítimas, no estudo chamado de sintomas foram: Depressão, somatização, desajustamento geral, comportamento opositivo, hipervigilância, evitação e estresse pós-traumático.

Os participantes pontuaram que não podiam contar com os professores/as e coordenadores/as da escola para reportar situações de violência. Muitas vezes as cenas de *bullying* homofóbico aconteceram na frente dos professores/as e são dadas como situações "normais" do cotidiano de crianças e adolescentes LGB, assim, ignoradas. Mais ainda, os agressores eram os próprios professores/as ou professores/as com alunos/as praticados injúrias dentro da sala de aula.

Num estudo com a direção e professores/as de uma escola sobre os casos de *bullying*, Toro, Neves e Rezende (2010) identificaram que o conceito de *bullying* não era significativo para esses atores da instituição escolar e as situações assim eram lidadas com dificuldade. Foi também observado rótulos e estigmatização ao nomearem alunos/as de "bagunceiros/as", "estudiosos/as", "calados/as" e "os/as mais fácies de controla".

## DISCUSSÃO

O termo *bullying* deriva da palavra de origem inglesa *bully* que traduz por "valentão" ou "brigão". Refere-se a ações praticadas ao longo de um tempo, por um ou mais sujeitos, sem motivos aparentes, porém de forma intencional e repetida. Ações de caráter físico, como a violência, ou socialmente e psicologicamente negativos, com comportamentos opressivos e humilhantes (OLWEUS, 1997). De modo geral, as vítimas são tomadas como socialmente inferiores em relação à cor, raça, classe, orientação sexual e outros marcadores. Especificamente, o *bullying* homofóbico refere-se a atitudes negativas contra identidade de gênero, orientação sexual e expressão corporal de sujeitos que se identificam ou não como homossexuais, gays, lésbicas ou transexuais dentro do ambiente escolar (DINIS, 2011).

É possível identificar nos estudos que a homofobia, enquanto sistema de opressão heteronormativo, naturaliza e invisibiliza as cenas de violência vividas no período escolar por esses jovens LGB. As situações de *bullying* normalmente não são interpretadas como tal, pois se expressam em forma de piadinhas, comentários pela as costas e apelidos.

As piadas separaram quem são os "normais" e "anormais", se você foge, então é diferente dos outros e merece ser apontado como tal. Esse tipo de agressão verbal apareceu em todos os estudos. E como ocorre de forma repetitiva e intencional ao longo do tempo, é compreendido como *bullying* (OLWEUS, 1997). Essas repetições reforçam as regulações e

manipulações do gênero e do corpo, exatamente para manter a norma heterossexual (BUTLER, 2001), e por isso são tratadas como algo comum.

Os relatos sobre uma rede de apoio, como a família, amigos, escola e o sistema de saúde são escasso, o que justifica os sintomas trazidos por Albuquerque e Williams (2015), pois sem nenhum apoio psicológico e motivacional, esses jovens carregam esses efeitos até a vida adulta. Essa falta de apoio reflete em como a norma se reproduz em outras instâncias, como a familiar que também regula essas normas em casa. E essas crianças e adolescentes não se sentem seguros para se assumir, “sair do armário” ou vivenciar suas sexualidades livremente nem em casa e nem na escola.

A escola reproduz e produz a norma heterossexual compulsória, perpetuando a deslegitimação dessas identidades e sexualidades LGBs e a invisibilidade que permite que o ambiente escolar seja um ambiente hostil e não seguro para as crianças e adolescentes, impedindo de criar uma escola com práticas inclusivas.

## CONCLUSÃO

Enquanto a escola não abrir possibilidades de discutir as formas de ser e de expressão, não vai haver desconstrução das normas, das noções do "normal". A escola mantém as desigualdades, não só de gênero e de sexualidade, mas as que atravessem outros marcadores sociais, como raça, classe e idade (PERUCCHI E CORRÊA, 2013).

A análise desses artigos demonstra que a escola está perdendo sua função social de formar cidadãos conscientes, críticos da sociedade que vivem. É precisa criar estratégias de intervenção, identificação e combate contra as situações de violência homofóbica, mais do que isso, é preciso tornar a escola um ambiente acolhedor, com professores/as e dirigentes implicados e respeitosos aos modos de ser. Aulas sobre gênero e sexualidade, grupos responsáveis por denunciar e acolher os colegas são caminhos positivos contra a heteronormatividade. E para a construção de uma escola inclusiva.

Importante ressaltar que mais estudos e teorias precisam ser realizados para alcançar toda a complexidade da relação entre a escola inclusiva e a heteronormatividade. Mais ainda, como as forças da heterossexualidade compulsória afetam o desenvolvimento social, cognitivo e emocional dessas crianças e adolescentes.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti Albuquerque. Homofobia na escola: Relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**; v. 23, n.3, p. 663-676, 2015.

- BLANCHET, Alain, GOTMAN, Anne. A enquete e seus métodos: a entrevista. Paris: Editions Nathan, 1992.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica Editora; p. 151-172, 2001.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educ. rev.**, Curitiba; n. 39, p. 39-50, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**; v. 19, n.2, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade**. In: UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. G. Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids. Rio de Janeiro: Pallas; p. 203-212, 2004.
- MACHADO, Adriana Marcondes; ALMEIDA, Izabel, SARAIVA; Luis Fernando Oliveira. **Rupturas necessárias para uma prática inclusiva**. In: Educação Inclusiva: experiências profissionais em Psicologia/ Conselho Federal de Psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; p.172, 2009.
- MANTOAN, Maria Tereza Egler. **A Educação Especial no Brasil. Da exclusão à Inclusão Escolar**. Disponível em: < <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.3.htm>>. Acesso em: 15 jan, 2017.
- OLWEUS, Dan. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**; v.7, n.4, p. 495-510, 1997.
- PERUCCHI, Juliana; CORRÊA, Carla Gomes. Uma análise psicossocial de experiências de violência homofóbica vividas por jovens LGBT no período escolar. **Nova Perspectiva Sistêmica**; v. 46, p. 81-99, 2013.
- RUSSELL, Stephen Thomas. Challenging homofobia in schools: policies and programs for safe school climates. **Educar em Revista**; n.39, p.123-138, 2011.
- SIMÕES, Júlio Assis, FRANÇA, Isadora Lins, MACEDO, Márcio. Jeitos de Corpo: Cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**; n. 35, p. 37-78, 2010.
- SOUZA, Jackeline Maria; SILVA, Joilson Pereira; FARO, André. Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**: v.19, n.2, 289-297, 2015.



TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Anamaria Silva; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: Teoria e Prática**; v.12, n.1, p. 123-137, 2010.